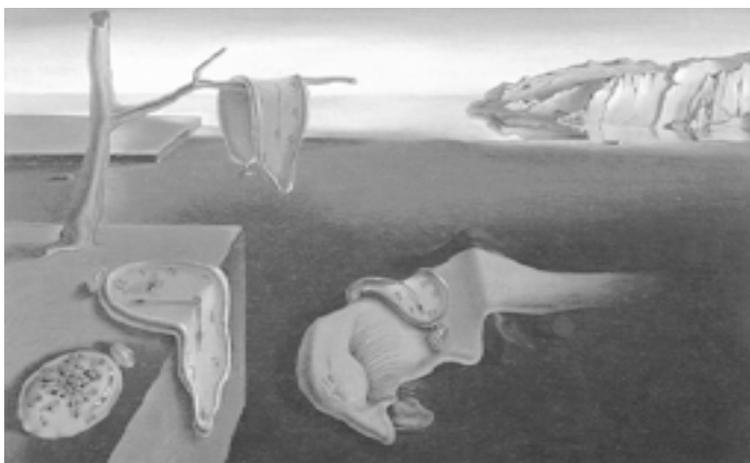


Editorial

Estamos de volta! O novo número do Acto Falho está chegando! Tem muita coisa nova acontecendo no Departamento... O NAAP que o diga! Entrevistamos Marina Ribeiro e Margarida Dupas, que contam boas novidades. Temos artigos brilhantes sobre a pulsão de morte, o desamparo contemporâneo e, também, sobre os bebês "tecnológicos".

Saramago parafraseou em seu livro *Ensaio sobre a cegueira*: "Se podes olhar, vê. Se podes ver,

repara". Repare-se através deste veículo que é o seu espaço de expressão! Nada mais gostoso que chegar no seu cantinho e ler um artigo do seu colega querido ou odiado. O importante é poder se expressar. Que coisa legal ou que lixo!... Vamos nos expressar! Começando toda coisa pelo ato de se reparar o tamanho que se é. O Acto Falho não é grande, mas tem lugar para você, para mim e para aquele que tiver coisa nova para contar. Repare!



A persistência da memória

Dalí, Salvador

Espaço Poético

Memórias de Insanidade

Invisível, vago pelo mundo buscando um nome, um corpo, uma rima, como se já não pudesse mais, como se já não quisesse mais... Acordo assustada com um grito mudo de solidão. Sem tempo para existir, me perco no contratempo, contra o tempo... Sei que dói, corrói, vazio buscando luz na madrugada.

Te crio como um poema, palavras inversas, conversas rimadas. Era tamanha história, que talvez sonhasse e me embriagasse de contos incontáveis, inconfessáveis, quase absolutamente secretos. Eu, que tentei ser poeta, atleta das palavras, me perdi em tamanho silêncio... Vertigem...túnel infinito rumo ao

amanhã...Mas qual? O mundo partiu e eu não percebi, tão longe que estava...Voava... Lembranças me invadem, me arrastam para dentro de mim, labirinto sem saída. Se eu pudesse ao menos encontrar saudade, um olhar nostálgico que me impedisse de cair em meu próprio esquecimento...

Tanto que busquei, sem jamais vislumbrear; tanto que me apaixonei e rimei... Palavras: redomas, redondas como o uni-verso. Palavras que jogam, confundindo possibilidades impossíveis de ser...

Fernanda Poças de Oliveira - 1997
pocasdeoliveira@giro.com.br

EXPEDIENTE

Comissão Editorial

Fernanda Poças de Oliveira
Margaret Simas Ramos Marques
Rita Andréa Alcântara de Mello

Correspondências

Depto. Formação em Psicanálise -
Instituto Sedes Sapientiae
A/C Comissão Editorial Jornal
Acto Falho
Rua Ministro de Godoy, 1484 -
Perdizes
CEP 05010-500 - São Paulo - SP
e-mail:
pocasdeoliveira@giro.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate e a reflexão das diversas tendências de pensamento.

HAI-KAIS

campo minado

vastas vontades
faz-de-conta-minação
vagas vertigens...

repetição

tempos intensos
pretensos contratempos
repasatempos...

abalo

menterremoto
que balança mas hai-kai
e sobrevive...

Fernanda Poças de Oliveira
2003

A Pulsão de Morte e A Sessão Analítica

“S. Freud: É possível que a morte em si não seja uma necessidade biológica. Talvez morramos porque desejamos morrer. Assim como amor e ódio por uma pessoa habitam em nosso peito ao mesmo tempo, assim também toda a vida conjuga o desejo de manter-se e o desejo da própria destruição. Do mesmo modo como um pequeno elástico esticado tende a assumir a forma original, assim também toda a matéria viva, consciente ou inconscientemente, busca readquirir a completa, a absoluta inércia da existência inorgânica. O impulso de vida e o impulso de morte habitam lado a lado dentro de nós. A Morte é a companheira do Amor. Juntos eles regem o mundo. Isto é o que diz o meu livro: Além do Princípio do Prazer. No começo, a psicanálise supôs que o Amor tinha toda a importância. Agora sabemos que a Morte é igualmente importante. Biologicamente, todo ser vivo, não importa quão intensamente a vida queime dentro dele, anseia pelo Nirvana, pela cessação da febre chamada viver, anseia pelo seio de Abraão. O desejo pode ser encoberto por digressões. Não obstante, o objetivo derradeiro da vida é a sua própria extinção.”¹

A partir da formulação da segunda tópica freudiana e, em especial, da formulação da pulsão de morte, podemos observar que a metapsicologia freudiana se descola de um modo mecanicista de funcionamento - onde o trabalho analítico estaria reduzido ao trazer à consciência os conteúdos recalçados inconscientes - para uma outra dinâmica onde há uma constatação da irreducibilidade do Inconsciente ao Consciente.

O Id têm um aparelho próprio perceptivo; a percepção está vinculada a uma experiência pulsional e afetiva. Há, portanto, nessa concepção, um Inconsciente primordial, an-

terior ao recalque. O Inconsciente da primeira tópica é abandonado e substituído por um modo de funcionamento que, nos moldes de Merleau-Ponty², poderia ser chamado de uma “dialética sem síntese”. Isto significa dizer que, no primado do Inconsciente, há uma superação da dialética da Consciência, onde não mais é possível uma síntese, e o método de investigação é a própria dialética. Assim, sujeito, método e objeto estão articulados de maneira inseparável na pesquisa psicanalítica. A experiência psicanalítica é, neste sentido, uma experiência “original”. No método psicanalítico de pesquisa clínica, a “livre associação” e a “atenção flutuante” buscam reproduzir, na relação paciente/analista, a experiência do Inconsciente.

A Psicanálise inaugurou uma outra realidade de investigação: a Realidade Psíquica. Isto representa uma mudança de paradigma tanto na Ciência como na Filosofia, que tomam como objeto de estudo a Consciência. Com a introdução do aspecto inconsciente da realidade, esta não pode mais ser vista de modo absoluto, mas sim relativo. Relativo a um imperativo do Inconsciente que escapa da percepção consciente imediata.

Em face dessa nova perspectiva, faz-se necessária uma investigação da realidade psíquica a partir de um outro método; um método que trabalha com a “desconstrução” do discurso consciente, afrouxando-o na sua racionalidade. Sob este ângulo, quando convidamos o paciente a associar livremente, estamos convidando-o a suspender a sua lógica: a lógica do Consciente.

Tomemos então o conceito de pulsão de morte como expressão dessa dialética sem síntese. Penso que Freud, ao introduzir o conceito de

pulsão de morte em seu artigo “Mais Além do Princípio do Prazer”, estava formulando uma idéia de funcionamento do psiquismo em pares antitéticos que operam em conjunto, cada qual submetido e interagindo com a dinâmica do outro, de forma indissociável. Aqui as duas pulsões, de vida e de morte, encontram-se entrelaçadas, constituindo uma dinâmica psíquica que não pode ser vista de forma desarticulada, mas, tão somente, trabalhando em conjunto no sentido de ligar e desligar as energias psíquicas; Eros definida como princípio de coesão, de ligação, e Tanatos como aquilo que busca dissolver os agregados.

Se transpusermos essa idéia para a clínica psicanalítica, a pulsão de morte é aquilo que desliga, desconecta - faz silêncio - cria no analista a possibilidade de desligar-se de seus próprios desejos e expectativas para estar só na presença do outro. O espaço mental do analista precisa ser um espaço aberto, vazio, pronto para receber o paciente na sua alteridade.

Para isso, é preciso primeiro fazer silêncio. Dentro e fora do analista. Veja-se como silêncio, por exemplo, a ausência de resposta imediata à fala do paciente; aquilo que cria um continente para que a fala do paciente possa ser contida. Assim, esse espaço vazio da mente do analista pode fazer eco à fala do paciente numa atitude aberta, fresca, muito incomum na escuta do dia-a-dia. É nesse sentido que a escuta do analista precisa ser diferente, “esquisita”, desconstrutiva, a partir de um discurso já pré-fabricado pela neurose que tende a uma repetição estéril, sem possibilidade de novos sentidos.

Podemos pensar que a pulsão de morte, na sessão analítica, pode ter a função de ajudar o analista a silenciar o seu próprio narcisismo. Sem memória, sem desejo - como diria Bion-

¹ Este texto é um recorte de uma entrevista que Freud concedeu ao jornalista americano George S. Viereck em 1926 e foi publicada na imprensa americana na época.

² Merleau Ponty, M. *O Visível e o Invisível*, São Paulo, 2000, Editora Perspectiva.

apenas aberto para o outro, para o momento presente. A pulsão de morte nos leva para a experiência do vazio. Um vazio que é o próprio espaço potencial das possibilidades.

Em um segundo momento, o analista, tomado pela pulsão de vida, se faz presente: é o visível, aquilo que liga, faz ruído, rompe o silêncio para constituir-se como o outro na relação com o paciente. Assim, ele rompe seu próprio silêncio para romper o curso do discurso repetitivo do paciente.

É nessa dinâmica entre o analista e o paciente que se constitui este solo transsubjetivo onde se dará o processo analítico: diferenciação e indiferenciação; energia ligada e energia desligada; ruído e silêncio. Estão todos presentes ao mesmo tempo. Melhor seria dizer, estão todos presentes na própria atemporalidade do Inconsciente.

A análise não pode ser pensada como um simples processo de desvelamento do que está oculto, mas sim como um processo de contínua criação que emerge da dobradiça entre a pulsão de vida -e aquilo que é visível- e a pulsão de morte - aquilo que é invisível.

Referências Bibliográficas:

Freud, S. "Além do Princípio do Prazer," 1920, In Edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago.

Ponty, M. *O Visível e o Invisível*, 1964, São Paulo, Editora Perspectiva.

Figueiredo, L. / Coelho, N. *Ética e Técnica em Psicanálise*, 2000, São Paulo, Escuta.

Denise Vieira (membro efetivo do Departamento Formação em Psicanálise e uma das coordenadoras do Naap). Este texto é parte de um capítulo da dissertação de mestrado em andamento na USP, onde a autora procura estabelecer um diálogo entre o Budismo e a Psicanálise.



Segall Lasar

O Retrato do Desamparo Contemporâneo

Para discutir o tema "subjetividades contemporâneas", evoco uma reportagem da revista *Veja*, do dia 4 de fevereiro de 2004, intitulada: "O retrato da solidão." A matéria diz que nunca tantas pessoas viveram tão sozinhas em todo o mundo. O viver sozinho traz vantagens objetivas e "uma circunstância de caráter subjetivo deprimente: a solidão." Para lidar com tal problemática, uma empresa alemã lançou uma linha de papéis de parede que trazem estampas, fotos de pessoas em tamanho natural em situações cotidianas. Assim, temos uma mulher que está, aparentemente, saindo de casa; um homem sentado num sofá; uma outra mulher tomando uma taça de vinho sentada numa poltrona etc. O preço des-

ses "amigos" gira em torno de 224 euros (830 reais).

E não acaba por aí! Pasmem vocês que as designers (duas mulheres solteiras, na faixa dos 30 anos) inspiraram-se num CD, também alemão, sucedido em 2003 - *Never alone again* (Sozinho nunca mais). Este é composto por sons domésticos como: secador de cabelos, cafeteira em funcionamento, ranger de portas, barulho de papéis etc. Dessa maneira, para atenuar os "efeitos da solidão", a pessoa pode se sentar ao lado de uma foto na parede e se sentir conversando com ela, enquanto ouve uma cafeteira que não existe! E, quem sabe, pode oferecer um *drink* para outro amigo no outro lado da sala!

O que assinala essa cena é a extrema experiência de solidão. Como diz o próprio nome da reportagem, é “o retrato da solidão.” Caracteriza-se aqui um isolamento e um destino funesto para aquilo que se explica nessa solidão, ou seja, um desamparo radical do sujeito. As condições peculiares de desamparo do sujeito, na atualidade, estão patentes nessa reportagem, assim como há um não saber o que fazer com esse desamparo.

Bem sabemos que o desamparo (*Hilflosigkeit*), constitutivo do psiquismo, é a base da condição subjetiva do ser humano marcada pelo mal-estar, isto é, pelo conflito irremediável das pulsões. É impossível a total subjetivação da pulsão. Haverá sempre um resto não simbolizável que é condição tanto para a criatividade como para o trauma. Mal-estar (*Unbehagen*) foi a expressão que Freud (1930) utilizou para se referir ao destino trágico do sujeito, à marca de sua relação com a cultura que é permeada pelo conflito, e à impossibilidade de resolvê-lo totalmente. O sentimento de culpa, diz Freud, é o maior problema da civilização.

Comprar um amigo (papel de parede), uma sensação de companhia (CD), ou mesmo travar relações amorosas pela Internet, são exemplos dos efeitos, no sujeito, das condições peculiares do desamparo contemporâneo. As subjetividades contemporâneas revelam o impacto do mundo sobre o sujeito, mundo este em que se perdeu a referência à lei paterna. Vivemos a falência das instâncias sociais de proteção, como o Estado e as ideologias, por exemplo.

Na medida em que, para a psicanálise, o sujeito se constrói entre a pulsão e a cultura ou, como disse Freud (1921), psicologia individual é psicologia social, falar em subjetividade implica falar de algo que não é da ordem do universal. Em outras palavras, o sujeito não é universal; ele se transforma historicamente. Assim, os modelos de subjetividade são “datados”, produzidos socialmente em determinadas épocas.

Desde a Revolução Francesa, utopias políticas influenciaram marcadamente o imaginário ocidental. O Iluminismo enunciou o “ideal de felicidade” em que o homem dominaria a natu-

reza com base na razão científica e constituiria uma sociedade igualitária. Dessa maneira, a ideologia cientificista do progresso e da civilização “prometia” uma reforma do espírito humano e da sociedade. Houve, portanto, uma alteração na ordem social, ou seja, da ordem tradicional (sociedade tradicional) para a ordem moderna (sociedade moderna). Mas, certamente, esse não é o cenário social atual e tampouco o ideal iluminista se concretizou.

Da mesma forma que a modernidade alterou a ordem social com suas conquistas tecnológicas, científicas, culturais e políticas, algo semelhante ocorreu no século XX, principalmente nas últimas décadas. Vimos surgir novos estilos, costumes de vida e diferentes formas de organização social. É evidente o declínio da esfera pública e política, a mistura entre o público e o privado, as novas formas de identidade social, o impasse histórico do socialismo, a expansão dos fundamentalismos, os tribalismos, as consequências que a informatização gerou na produção material e no cotidiano, a crise ecológica, as dimensões da globalização.

Se há ou não uma nova ordem social (pós-moderna ou pós-modernidade), é fato que tais fenômenos provocaram alterações de grande porte e transtornos nos modos de vida social que reclamam por considerações teóricas compatíveis com esse quadro. Em outras palavras, essas mudanças vertiginosas estão presentes nos nossos consultórios, nas instituições, na vida cotidiana, sob o colorido das subjetividades contemporâneas, o que resulta em certos impasses que a psicanálise encontra ao lidar com as mesmas. Configuram-se novas formas de organização do psiquismo que colocam em cheque o classicismo no manejo clínico.

Na sua viagem de descoberta moderna, atrás dos ideais de beleza, pureza e ordem, o homem “moderno”, coloca Freud (1930), “trocou uma parcela das suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança”. Freud está nos falando dos impasses que a modernidade criou para o sujeito. Em seu auge, o mal-estar moderno culminou no excesso de ordem e na escassez de liberdade, ou seja, uma es-

pécie de segurança que agüenta uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual.

Nossa hora é a da desregulamentação e da liberdade individual (ou privatização). Isto não quer dizer que o homem “pós-moderno” abandonou os ideais de beleza, pureza e ordem, mas passou a persegui-los através da espontaneidade e do esforço individuais. Um reclamo que outrora fora declarado como desacreditado e destrutivo, hoje é o que se torna mais aprazível: o reclamo do prazer, mais prazer e sempre mais prazer, custe o que custar. A liberdade individual, talvez o maior problema para todos os edificadores da ordem moderna, tornou-se o maior dos predicados e recursos na auto-criação do humano “pós-moderno”.

“Você ganha alguma coisa e perde outra coisa em troca”. O proclamo de Freud continua atual, mas os ganhos e perdas mudaram de lugar. O homem “pós-moderno” trocou uma parcela de suas possibilidades de segurança por uma parcela de felicidade. O mal-estar, na atualidade, provém de uma espécie de liberdade na procura do prazer que agüenta uma segurança individual pequena demais. Na modernidade, a liberdade foi sacrificada pela segurança e hoje, a segurança é sacrificada pela liberdade individual. Mas, em ambos os casos, a felicidade soçobra. Nem uma fórmula nem outra garantem a felicidade, que bem sabemos é efêmera ou episódica.

Nesse quadro, na contemporaneidade, predominam as modalidades de sociabilidade em que a subjetividade articulada à historicidade humana não é mais valorizada e, conseqüentemente, as mediações simbólicas e as regulações narcísicas vão desaparecendo. Vivemos numa cultura em que há uma exaltação ilimitada do eu, o que promove a lógica do narcisismo e não propicia sua “quebra”, condição necessária para o laço social. Nesse cenário, as individualidades são descartáveis, assim como os vínculos eróticos e afetivos. As identidades não são mais construídas na relação com o outro, mas imitadas por colagem: identificação imaginária. A alteridade e a diferença vão dando lugar à igualdade e à massificação. Desenha-se uma cena social em que “ter” equivale a “ser”.

Sobre Psicanálise e Bebês Tecnológicos

Resenhar o próprio texto é um desafio com o qual ainda não tinha me deparado; implica a interessante capacidade de estranhar-se. Recentemente, defendi – é necessário ter propriedade do próprio texto para tal empreitada – a dissertação de mestrado intitulada: *Psicanálise e infertilidade: desafios contemporâneos* (PUC-SP, Psicologia Clínica, Núcleo de Psicanálise). Desejei que o título desse conta do conteúdo do trabalho, missão quase impossível. A primeira dúvida já surge a partir do título: De qual infertilidade falo? A psíquica, a biológica?

Será que podemos separar a experiência psíquica de nossa concretude biológica, será que somos seres desencarnados?! Penso que não, somos psicossomáticos, no sentido amplo do termo. É nessa “área de transição”, tão indistinta em seus contornos, que naveguei tendo como norte a questão: qual a experiência psíquica do sujeito no eixo fertilidade/infertilidade e sua interface com a tecnologia de reprodução humana?

A concepção medicamente assistida vem trazendo situações inéditas para o psiquismo: uma nova forma de ser concebido e novas formas de filiação. Acontecimentos que estão desafiando nossa capacidade de representação e que se inserem em um campo psíquico carregado de significações inconscientes. Intriguei-me investigar qual era a experiência psíquica dos casais que tentavam conceber um filho fazendo uso dessa nova tecnologia de reprodução humana. A proposta de sair dos “murros” do consultório do psicanalista também foi algo desafiador. Logo me chamou a atenção o (pre)conceito encontrado, tanto na comunidade psicanalítica em relação a essa nova tecnologia, como na classe médica no que diz respeito à psicanálise, quase uma conversa de surdos-mudos, com muitas perdas para os pacientes.

Foi nesse campo de tiros cruzados que usei articular idéias. Encontrei bons interlocutores. Entre autores de língua inglesa, que abordam a questão da infertilidade relacionada a reflexões so-

bre a tecnologia de reprodução humana, estão: Pines (1990), Lester (1995), Zalusky (2000) e Apfel e Keylor (2002). Entre psicanalistas argentinos: Melgar (1995), Losoviz (1995) e Fiorini (1999), e entre brasileiros: Gondim (2001) e Lowenkron (2001).

Acompanhada por essas colegas, pude validar as questões que me intrigavam: será possível desvincular a reprodução humana da sexualidade, no que tange à sua representação simbólica inconsciente? A sexualidade tem uma multiplicidade de significados; faz parte da constituição do sujeito e se inscreve no campo da fantasia. O desejo de ter filhos está intrinsecamente ligado à sexualidade e seus desdobramentos. Data da primeira infância e tem sua origem na relação primária com a mãe. O desejo de ter um filho surge no esteio de questões estruturais para o psiquismo: origina-se e permanece associado, no inconsciente, a questões da sexualidade infantil e suas feridas narcísicas.

As referências inconscientes da fantasia da cena primária, da sexualidade do casal parental, da diferença entre os sexos, da constelação edípica e da bissexualidade psíquica atualizam-se no desejo por um filho, ou seja, há algo vital para o psiquismo no desejo de ter um filho. Justamente por sua importância, a impossibilidade de realizá-lo pode reativar e/ou intensificar conflitos inerentes ao campo psíquico em que se origina e ao qual permanece vinculado. Tal articulação teórico/clínica gerou uma nova



Segall Lasar

compreensão do conceito de infertilidade psicogênica (de causa psicológica), tão em voga nos textos psicanalíticos dos anos setenta e oitenta, e jogado à marginalidade a partir dos anos noventa.

O material clínico usado no trabalho originou-se do acompanhamento ambulatorial de onze casais que estavam em processo de inseminação artificial, durante aproximadamente seis meses. Para os interessados no tema, há um exemplar da dissertação disponível na biblioteca do Instituto. Sedes Sapientiae, sendo que este será, em breve, publicado em livro.

Marina F.R. Ribeiro
(membro efetivo do Departamento Formação em Psicanálise, coordenadora do NAAP, membro do CEPPAN e mestre em Psicologia Clínica)
marinarribeiro@terra.com.br

Entrevista: NAAP, Uma Passagem Para Novos Caminhos...

O NAAP (Núcleo de Atendimento e Assessoria em Psicanálise) tem um percurso bem humorado. No meu entender, ele tinha que acontecer nesse momento. Quem conhece a história do nosso Departamento vai concordar. Em uma entrevista informal com Margarida e Marina, transitamos por caminhos e passagens instigantes. Quem quiser que olhe comigo. Boa viagem!

AF - Como nasceu a idéia do NAAP?

Margarida - Começou com Marina e Suzana... setembro de 2000... da vontade de montar um grupo para continuar a nossa formação. A idéia de que os membros do Departamento, depois de terminado o curso, encontrassem um espaço para dar continuidade à formação; de troca de experiências e aprofundamento em alguns temas da atualidade.

Marina - Um espaço de pertinência... para trabalhar temas da clínica psicanalítica. Os "Diálogos Abertos" vieram depois. Não tínhamos nada formatado.

Margarida - Também criar projetos... utilizando instrumentos que a psicanálise oferece.

Marina - Parcerias com instituições, com escolas, hospitais...

AF - Vocês estão realizando um sonho antigo dos alunos e ex-alunos, sabiam? Acho que se vem falando disso há tempos... Estava latente e agora se concretizou.

Marina - O objetivo é criar um grupo de referência para os membros associados e efetivos no Departamento.

AF - O que vocês entendem como já conquistado, concretizado... enfim, realizado, dentro desse projeto crescente?

Margarida - Antes de tudo, conseguimos um espaço no Departamento.

AF - Como se deu esse processo?

Marina - Tínhamos essas idéias e algumas pessoas do Departamento colaboraram com a formação do NAAP.

AF - Esse foi o primeiro esboço...

Marina - Houve então, logo depois de algumas conversas, a formalização com a aprovação do projeto pela Coordenação Geral do Departamento e pela Diretoria do Instituto - quando praticamente começou o trabalho efetivo. A proposta do grupo é que os integrantes do núcleo estejam ligados à pesquisa, de maneira formal (em Universidades, mestrado ou doutorado) ou informal. O NAAP é um grupo de membros efetivos que também se propõe a viabilizar a análise e a supervisão aos membros-alunos que estão dando início à sua formação em Psicanálise.

AF - Quem pode buscar esse grupo especificamente para análise e supervisão?

Marina - Ficou determinado pela direção do Instituto que a análise e a supervisão oferecidas pelo NAAP são exclusivas dos membros-alunos do Departamento, do curso Formação e do curso Fundamentos. O acesso à análise e à supervisão é a fundamental dificuldade dos alunos...

AF - Contem como estão funcionando os Diálogos Abertos...

Marina - Chegamos aos poucos ao formato dos Diálogos Abertos. Atualmente, são encontros temáticos... Três encontros, em média, para cada tema, de quinze em quinze dias. O material do tema que será exposto fica antecipadamente disponível por e-mail para que os interessados possam vir preparados para discutir, questionar e acrescentar.

AF - Quem participa dos Diálogos?

Marina - Normalmente tem um colaborador. Alguém que esteja envolvido com o tema de interesse do grupo, seja em um projeto - mestrado e doutorado - ou num trabalho clínico... É aberto para pessoas de outros departamentos, instituições. Houve trabalhos de pessoas do NAAP e também de fora. Em março de 2004, vamos começar com o tema "Inconsciente infinito; uma possível psicanálise zen", com a colaboração de Ignácio Gerber. Em seguida, o tema será "Para

além da contratransferência", com Francisca Teixeira e Gina Tamborino como colaboradoras. Vamos fechar o primeiro semestre com esses temas. Sempre nas quartas-feiras, no horário das 15:00 às 16:30. O espaço está sendo fértil. A intenção é possibilitar que o colaborador e o grupo saiam enriquecidos com novas idéias, questionamentos...

AF - Qual foi o retorno do trabalho? Houve um grupo fixo que frequentou os "Diálogos" nesse primeiro ano? Quem foram essas pessoas?

Marina - Houve uma boa participação dos alunos. Tivemos um *feedback* positivo em relação aos temas... todos atuais... contemporâneos. Os temas surgem a partir dos interesses do grupo.

Margarida - Uma idéia emergente do grupo. Aconteceu com o tema "A clínica psicanalítica do grupo - enredos do inconsciente no cenário grupal", tendo como colaboradora Heloisa Mazorra Santos. O grupo participou muito, surgiram idéias, questões...

AF - Como um grupo de estudos...

Marina - Sim, mas com uma formatação diferente. Houve a participação de um pequeno grupo assíduo e de um grupo maior flutuante. Tem ocorrido um "boca-a-boca" que é interessante. O horário escolhido é favorável à participação dos membros-alunos. Ocorreu, também, o retorno de pessoas que estavam afastadas do Departamento. Criou-se um espaço de trabalho para os membros efetivos e de integração entre estes e os alunos.

Margarida - É um grupo construtivo.

Marina - Visa fortalecer o vínculo das pessoas com o Departamento. É um espaço inédito.

(por Margaret Simas Ramos Marques)

site: www.sedes.org.br
e-mail: naapsedes@terra.com.br

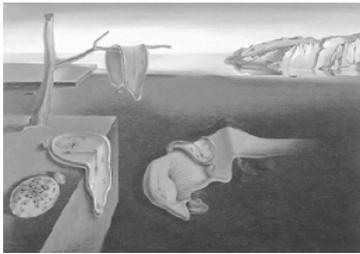
Coordenadoras do NAAP
Marina Ribeiro: 3819 0325

Margarida Azevedo Dupas: 3022 4643

actofalho

PUBLICAÇÃO DO
DEPARTAMENTO
FORMAÇÃO EM
PSICANÁLISE DO
INSTITUTO SEDES
SAPIENTIAE

Ano 9 - nº 10
Maio 2004



Espaço Poético

Pág. 2



Entrevista: NAAP, Uma
Passagem Para Novos
Caminhos... *Pág. 8*

A Pulsão de Morte e
A Sessão Analítica

Pág. 3



O Retrato do Desamparo
Contemporâneo

Pág. 4

Sobre
Psicanálise e
Bebês
Tecnológicos

Pág. 7

Seções

Editorial	2
Expediente	2
Espaço Poético	2
A Pulsão de Morte e A Sessão Analítica	3
O Retrato do Desamparo Contemporâneo	4
Sobre Psicanálise e Bebês Tecnológicos	7
Entrevista: NAAP, Uma Passagem Para Novos Caminhos	8